



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**“O QUE SERIA UMA ALMA SEM CORPO?”\***

Norma Sueli Semião Freitas \*\*

O **corpo está na ordem do dia** e sobre ele se voltam as atenções de médicos, educadores, engenheiros, professores e instituições como o exército, **a Igreja**, a escola, os hospitais. De repente, toma-se consciência de que repensar a sociedade para transformá-la passava necessariamente pelo trato do corpo como recurso de se alcançar toda a integridade do ser humano. (*grifos nossos*)<sup>1</sup>

Essa ideologia de corpo saudável e disciplinado permeava a lógica militar constante no projeto eugênico do Estado Novo para o Brasil e, não à toa, na conjuntura da Segunda Guerra Mundial, o propósito de Vargas era constituir uma sociedade brasileira militarizada, pautada na força e na ordem. No período, Vargas imprimia suas aspirações no seio da sociedade com a realização de cerimônias cívicas, marchas, passeatas e o incentivo a uma “cultura física”, como se mostra evidente a partir de um

---

\* A pergunta é imanente a fala do capitão dr. Erlindo Salzano, citada por Lenharo, quando o autor trata do período em que Vargas buscou constituir uma sociedade militarizada, uma nação disciplinada, unificada, industrial e saudável. Assim, o intuito era ter um “corpo social” saudável e disposto para a defesa da pátria; e, para o capitão em questão, era necessário o equilíbrio entre o desenvolvimento do físico e do espírito, pois, afinal “*o que seria uma alma sem corpo?*”. E Lenharo complementa sua análise: “*Só um corpo convenientemente educado favorece o desenvolvimento do espírito*”. LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. São Paulo: Papyrus, 1986, p. 77.

\*\* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará.

<sup>1</sup> Id. *ibidem*. p, 75.

dos seus discursos proferidos em 1941: “*Impulsionar o mais largamente possível a cultura física é obra de sã brasilidade, a educação do corpo na ampla concepção da palavra significa também o cultivo de novos e excelentes atributos do espírito, não só a robustez, mas a saúde fisiológica...*”<sup>2</sup>. Aqui, Vargas evoca a saúde do corpo e do espírito, ao passo que se aproveita da personificação ideológica do poder arraigada a sua pessoa para difundir estereótipos raciais e sociais, já que na verdade, seu intento tratava-se de “aperfeiçoar a raça” – expressão bastante comum em seus discursos – com vistas a construir um novo “corpo” do povo brasileiro composto por um tipo físico ideal.

Por esse viés, se na década de 30, do século XX, a medicina social ganha novo fôlego (e talvez até hoje não o tenha perdido de todo), é certo que desde meados do século XIX o discurso médico passou a ganhar centralidade na relação Estado e sociedade, com sua institucionalização e formação de sua elite técnica. A medicina social, desde lá, tem sido acionada pelo poder público para fundamentar certa política social recorrente naquela relação (Estado e sociedade). O discurso médico versava sobre quase tudo, desde o urbanismo, passando pela higiene dos espaços públicos e privados, até o corpo do trabalhador<sup>3</sup>. Momento em que as teorias da anomia dos pobres e trabalhadores circulavam altaneiras, como axiomas, entendia-se que muitas das doenças de que padeciam o corpo promanavam do espírito, mal cuidado, da moral deturpada – vez que, naturalmente, essa não seria virtude dos pobres, “filhos de Can” que seriam, conforme imaginário cristão formulado numa longa duração. Se a moral fosse evocada, a Igreja responderia de pronto – para essa instituição, a moral e a família são fundamentais, já que a família garante a preservação/sustentação da moral; o que se deu rápida e articuladamente no processo de recrutamento dos trabalhadores para extrair látex dos seringais na Amazônia, conforme relatório registrado por Padre Helder Câmara, o qual viria a ser o responsável por chefiar o Departamento Religioso do SEMTA, destinado ao Sr. Núncio D. Bento Aloísio Masella, solicitando sua anuência/liberação para trabalhar no serviço:

Atendendo ao pedido do Exmº Sr. Coordenador Econômico, feito por intermédio do Chefe do Serviço Especial de Mobilização de

<sup>2</sup> Discurso de Getúlio Vargas proferido em 1941 *Apud* REGO, Daniela Domingues Leão. *O Brasil em marcha*. Revista História Viva. Edição 58, agosto de 2008. Disponível em: [http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o\\_brasil\\_em\\_marcha\\_imprimir.html](http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/o_brasil_em_marcha_imprimir.html). Acesso em 17/08/2014 às 23h32min.

<sup>3</sup> Ver: CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, *passim*.

Trabalhadores para a Amazônia, V. Excia. aprovou a minha ida ao nordeste e ao norte do país, recomendando-me, segundo a carta n.27 316, de 2 de janeiro de 1943, que me procurasse “entender” com os Exm<sup>os</sup> Srs. Arcebispos, Bispos, Prelados e Administradores Apostólicos: 1) expondo-lhes o plano do Governo; 2) pedindo-lhes sugestões no que diz respeito à **assistência religiosa**; 3) apresentando de volta a V. Excia. um relatório circunstanciado(*grifo nosso*)<sup>4</sup>

No relatório, o sacerdote enfoca a autorização do então Presidente da República - como forma, talvez, de deixar expressa que era vontade expressa do “chefe” da nação -, cuja determinação fora publicada no Diário Oficial de 25 de Janeiro de 1943, no qual o indica para liderar o setor religioso no plano de guerra:

Padre Helder Pessoa Câmara – Técnico de Educação, classe L, do Quadro – Permanente do Ministério da Educação e Saúde, lotado na Divisão de Ensino Primário do Departamento Nacional de Educação (Servirá como orientador dos Serviços de Assistência Social do Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia)<sup>5</sup>.

Aqui, percebe-se a relação Estado/Igreja na empreitada de mobilizar trabalhadores para a Amazônia em âmbito nacional. No local, especificamente no Ceará, o interventor Menezes Pimentel reforça e articula discurso e prática, o qual dirige uma circular a todos os prefeitos do interior, solicitando que fosse dada a maior colaboração possível aos funcionários do SEMTA:

Fortaleza, 12 de maio de 1943

Creado pelo Decreto – Lei nº 1750, representa o Serviço Especial de Mobilização dos Trabalhadores para a Amazônia, um dos aspectos essenciais do esforço de guerra de nosso país, no sentido de dar pleno cumprimento à palavra de ordem de nosso preclaro presidente Getúlio Vargas.

Afim de incentivar o mais possível a batalha da produção, recomendo com o mais vivo empenho, seja prestada por essa Prefeitura toda a colaboração que se fizer mister para o mais complexo êxito do agenciamento de homens válidos, para engrossar as fileiras dos soldados da borracha.

Lembro que, ao nosso querido Ceará – nesta hora difícil que atravessa a grande Pátria comum – compete, além de todos os esforços que está empenhado no serviço do Brasil e das Nações Unidas, assegurar a continuidade de sua missão histórica de pioneiro da conquista amazônica, povoando, civilizando e extraíndo os recursos naturais do

<sup>4</sup> Arquivo Nacional (RJ) - Fundo Pessoal Paulo de Assis Ribeiro. AP.50, cx. 4, pasta 3. Relatório apresentado por Padre Helder Câmara ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Sr. D. Aloísio Masella D. D. Nuncio Apostólico, Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1943, p.1

<sup>5</sup> Idem. Ibidem. p.4

vale do grande rio, maximé, no atual momento quando a borracha uma das matérias essenciais as indústrias da guerra das Nações Unidas, em particular do nosso grande aliado – os EE, UU, da América do Norte – com o qual o Governo Brasileiro assumiu compromissos internacionais para o fornecimento em grande escala da preciosa hevea. E, para assegurar o cumprimento desses acordos, se faz mister mobilizar grande número de braços e encaminhá-los à Amazônia para o fecundo e patriótico labor de extrair sempre e cada vez mais borracha, cabendo a nós cearenses, dada a nossa densidade de população e a nossa tradicional política emigratória, uma grande quota no esforço comum do Brasil.

Concretizando esse magnífico esforço, foi que o eminente presidente Vargas fez criar como órgão da Coordenação Econômica, o Serviço Especial de Mobilização dos Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA) que em caráter executivo, desde Fevereiro último está transportando homens, dentro das melhores condições possíveis de **amparo social, religioso, econômico e sanitário**, juntando assim, além do dever patriótico, vantagens inúmeras, que possibilitarão ao nosso homem e às suas famílias, uma sensível melhoria de seu nível de vida, de educação e de saúde.

Espero, assim, que de Vossa parte e de vossos imediatos auxiliares, não serão poupados esforços para incentivar a propaganda dos objetivos do SEMTA, prestigiar a ação dos representantes desse órgão e encaminhar todos os homens válidos que no momento estejam desempregados ou desejosos de seguirem para a Amazônia, aos pontos mais próximos de seleção e concentração do SEMTA, localizados nas cidades de Fortaleza, Sobral, Iguatu e Crato, onde serão devidamente atendidos. Atenciosas saudações, DR. F. DE MENEZES PIMENTEL – Interventor Federal.<sup>6</sup> (*grifos nossos*)

As linhas da íntegra da circular deixa evidente o reforço das palavras de ordem presentes naquele contexto. O interventor evidencia, por duas vezes, a necessidade de mobilizar homens válidos para o trabalho nos seringais, enaltece o senso patriótico como um dever, relembra o legado histórico da força de trabalho migratória do cearense para os seringais – o primeiro *boom* da borracha ocorrido no século XIX – e dar enfoque ao amparo que trabalhadores e suas famílias receberiam, do econômico ao religioso. Na frase, a seguir, publicada em uma matéria do Jornal o Nordeste de 26 de abril de 1943, fica patente como o discurso do Estado estava atrelado ao da Igreja, onde fé e pátria

<sup>6</sup> Instituto do Ceará. Jornal O Nordeste. Matéria: *Circular do Interventor Menezes Pimentel aos prefeitos do interior, recomendando-lhes apoio ao SEMTA*. Fortaleza, quinta-feira, 13 de maio de 1943, p.1/4. É válido ressaltar que essa circular também foi vinculada no Correio do Ceará na mesma data, isto é, um dia após o envio do documento às prefeituras, cuja matéria foi intitulada “*Para que seja cumprida integralmente a palavra de Ordem [assim mesmo, com letra maiúscula] do eminente Chefe da Nação.*” Portanto, percebe-se que a ideia era dar a maior visibilidade possível da arregimentação de trabalhadores.

caminhavam juntas: “A fé une num só pensamento aquilo que força alguma do mundo será capaz de separar: Deus e Pátria!”.<sup>7</sup>

Enquanto isso, a Igreja fazia a sua parte no levante dos trabalhadores. Padre Helder, inicialmente, atuaria visitando as autoridades eclesiásticas, representantes de prelaças e prefeituras do Nordeste e do Norte do Brasil, conforme determinação do SEMTA, com vistas a convencer e pedir apoio e suporte do clero no assistencialismo religioso às famílias nucleadas e aos trabalhadores, tendo em vista que “o Serviço de Coordenação Econômica põe as suas melhores esperanças, pois reconhece impraticável no nordeste e no norte do país qualquer plano de grandes proporções sem o **apoio e a colaboração da força católica**”.<sup>8</sup> (grifo nosso).

Ademais, também fora solicitado a padre Hélder pelo SEMTA, colaboração no sentido de organizar o serviço de distribuição de comida e trabalho para um grande contingente de flagelados incapazes de partir imediatamente para os seringais, devido a condições orgânicas inapropriadas observadas e registradas pelo serviço médico. Neste sentido, o sacerdote pontua:

Considero de vantagem prestar a colaboração pedida e isso, entre outras, pelas seguintes razões:

- a) Convém que o padre esteja entre os que vão atender a miséria do povo;
- b) Os flagelados correm para os Vigários e estes para os Bispos; um padre na Comissão Organizadora de Assistência aos flagelados facilitaria a posição dos Ordinários e dos Vigários em face dos famintos do Ceará.<sup>9</sup>

Daí a atuação social da Igreja Católica tanto no trato dos corpos espirituais quanto nos cuidados da saúde do corpo, uma vez que os padres empreenderam obras caritativas de atendimento aos enfermos:

Ao longo de toda a história cristã, mosteiros e igrejas têm sido lugares para onde as pessoas têm corrido não só para receber a cura espiritual, mas também a recuperação da saúde física. Na história do Brasil, o cuidado com a saúde, especialmente dos mais pobres, sempre foi, junto com a educação, duas atribuições que a Igreja tomou para si. Datam,

<sup>7</sup> Instituto do Ceará. Jornal O Nordeste. Fortaleza, segunda-feira, 26 de abril de 1943, p.1/4

<sup>8</sup> Arquivo Nacional (RJ) - Fundo Pessoal Paulo de Assis Ribeiro. AP.50, cx. 4, pasta 3. Relatório apresentado por Padre Helder Câmara ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Sr. D. Aloísio Masella D. D. Nuncio Apostólico, *Op. Cit.*, p.3

<sup>9</sup> Idem. *Ibidem*.

ainda do século XVI, a construção das primeiras Santas Casas de Misericórdia no Brasil, obras mantidas por confrarias e irmandades constituídas justamente para esse fim. O Ceará não fugiu a essa regra. O primeiro estabelecimento médico criado para o atendimento dos enfermos, na então Província, foi a Santa Casa de Misericórdia. Obra de grande porte que marca, junto com a construção do Seminário da Prainha e do Colégio da Imaculada Conceição, o início do trabalho pastoral do primeiro bispo do Ceará<sup>10</sup>.

Ora, era pela família que se pretendia desenvolver uma pedagogia do corpo e dos costumes, inclusive morais. Aqui, Igreja e Estado cuidavam da higiene moral das famílias, ao passo que a família era uma questão central, pois o Estado chegava ao homem por meio de sua família e vice-versa – protegendo, assim, o homem brasileiro, sua moral e a do próprio país – daí a relação estendida entre Estado/família. Além disso, casa e família eram pensadas como sinônimas, advindas daí as investidas no setor habitacional, ainda tão em voga. Aqui se vê precisamente a política protecionista voltada para o trabalho e para o trabalhador em família, em prol do progresso do país, o que só seria possível por intermédio de um povo “regulado”, adestrado cívica e moralmente, e para isso, era preciso atenção especial à educação, pois “*ela não só adentra a mão do futuro operário, como lhe educa o cérebro e fortalece o corpo*”.<sup>11</sup>

Portanto, percebe-se que essa diligência com o corpo – dos indivíduos, da sociedade, da nação – pelo poder público, fora marcado pelo pensamento cristão e pela busca de uma ordem social. Por outro lado, em prol de um equilíbrio entre corpos, mentes e espíritos sãos, enquanto o Estado versava sobre os cuidados com os corpos, a Igreja Católica, por sua vez, desde a separação ocorrida do Estado em 1890, pega carona nessa vertente e versa sobre a política da crença pautada na saúde do corpo de Cristo, dos cristãos – e da própria Igreja em certo sentido – pela manutenção da moral cristã, dos bons costumes estabelecidos e exaltados pela educação católica.

Esse é o ponto fundamental do pensamento católico: o destino das almas humanas. O homem, segundo essa doutrina, foi criado para a vida e a vida não se restringe ao mundo físico. Ao contrário, a vida material se constitui num período transitório, em que as almas devem ser preparadas para sua destinação final na eternidade, essa sim a verdadeira vida. A preparação da alma significava, antes de tudo, a

<sup>10</sup> REIS, Edilberto Cavalcante. *Coronéis de Batina: a atuação do clero na política municipal cearense (1920 – 1964)*. Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais UFRJ, 2008, p.178.

<sup>11</sup> GOMES, Angela de Castro. *Ideologia e trabalho no Estado Novo*, p. 63. In: PANDOLFI, Dulce. *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed.Fundação Getúlio Vargas, 1999

educação do homem de modo a permitir-lhe triunfar sobre as paixões e os baixos instintos, fortalecendo-lhe a vontade e o caráter. (...) a educação cabia a formação integral do homem, conceito que envolve muito mais do que a educação escolarizada, abrangendo todo o conjunto de suas atividades.<sup>12</sup>

Diante desta perspectiva, o Estado deveria cuidar do corpo no tempo secular, enquanto à Igreja caberia cuidar do “corpo” espiritual para um tempo eterno, destino natural da alma e consequentemente, destinado a uma educação para um plano divino. O espírito, assim, deveria ser energizado, tutelado, e no caso particular do recrutamento de força de trabalho para o *front* da borracha na Amazônia, assim como acontecia nos tempos remotos, os soldados deveriam receber a proteção e bênção divina para combater na batalha; e, assim, como os trabalhadores estavam indo para uma operação de guerra, com vistas a produzir para a batalha da borracha no “inferno verde”, no “paraíso diabólico dos seringais”, seria essencial, naquele momento, que os “soldados de Cristo” – mesmo que estes não se sentissem/fossem como tais - recebessem a bênção divina para fortalecer seus espíritos, pois, afinal, estavam indo para a guerra, para o inferno, mesmo que este fosse verde. Daí, não se pode esquecer que, por mandato divino, a respeito da verdadeira formação/constituição de um bom cidadão – “*cujas atitudes se pautem por um princípio moral derivado da Moral única e verdadeira, revelada por Deus à Igreja e por ela ensinada à humanidade*”<sup>13</sup> – que, para tanto, seria o católico.

Esses ideais ganham força, mormente, no pós-1930 quando há uma reaproximação entre Estado e Igreja; pois se, por um lado, a apropriação/manipulação das insígnias e dos ritos católicos, bem como dos atos cívico-eclesiásticos eram indispensáveis ao regime de Vargas, inclusive, como forma de manter a ordem social e política, pelo outro, havia a busca da Igreja Católica de “recatolicizar” o Brasil – ou por melhor dizer, manter a hegemonia da religião católica no país, bem como angariar novos adeptos –, momento em que a então reforma educacional seria um dos mecanismos dessa luta. Por esse viés, como aquela instituição era detentora de uma rede de escolas em todo o país e, por conseguinte, consciente de sua força enquanto formadora de mentalidades e comportamentos, interferiu ativamente pela inserção do ensino religioso católico nas

<sup>12</sup> MANOEL, Ivan Aparecido. *Cidadãos para a terra e para o céu: o projeto educacional do catolicismo ultramontano (1850-1950)*. Fronteiras: Revista de História, Campo Grande, MS, V.7, n. 13, 2003, pg. 119

<sup>13</sup> Id. *Ibidem.*, p. 121.

escolas públicas – uma das pautas implicativas da reforma educativa travada entre a Igreja com outros diversos segmentos da sociedade com interesse no assunto. Essa busca da hegemonia sobre o ensino no país, não representaria apenas a influência da Igreja Católica sobre os ramos da educação, mas conforme Alceu Amoroso Lima, um repúdio no qual os católicos por excelência deveriam travar contra o liberalismo individualista, por representar a mesma ameaça de desagregação da família atribuída ao comunismo – daí a concepção de que Estado e Igreja visavam a proteger a família, o corpo da nação, o corpo do trabalhador, o corpo de Cristo – pois levaria a humanidade a uma nova bestialidade “a partir da renegação ao Espírito e do seu Criador”:

Precisamos enfrentar o comunismo como uma negação integral do Cristo e da Igreja e não como um fenômeno social passageiro, que afeta apenas os nossos interesses materiais ou nossas posições sociais. Seu perigo é infinitamente mais profundo...; reveste-se...da aparência da justiça, do êxito e do progresso. Só se nos colocarmos no terreno dos princípios é que poderemos enfrentar friamente essa ideologia revolucionária.<sup>14</sup>

Ora, havia o receio por parte da Igreja Católica que a família fosse desagregada ante a “ameaça vermelha”; e, ao mesmo tempo, atua dando suporte religioso no levante de trabalhadores para a Amazônia, onde estes foram sem suas famílias. Há, portanto, uma situação permeada por paradoxos, pois como a Igreja iria preservar a moral, se havia a previsão da segregação do núcleo familiar? Padre Helder enfoca que, em tese, os representantes das regiões visitadas preferiam a ida das famílias, mas que fora explicado que a situação sanitária do Amazonas não permitia, naquela ocasião, bem como o momento tratava-se de um plano de guerra e que dos males, o menor.

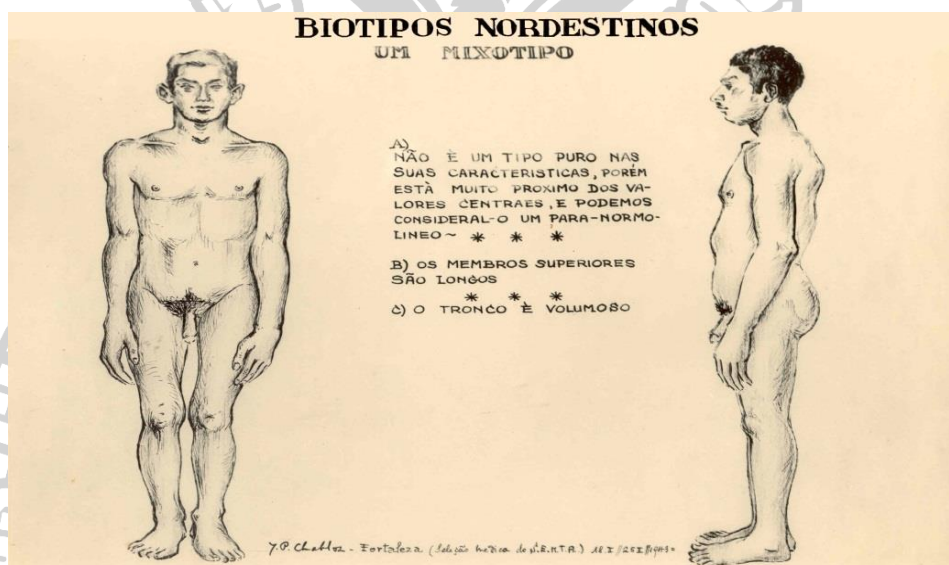
Assim, a partir dos referenciais da eugenia, o tema da saúde, higiene e educação foram temas constantes na pauta das discussões no período do Estado Novo, como um dos projetos viabilizados pelo regime ditatorial de Vargas, em um cenário em que o Brasil transpunha um momento de redefinição de seus baluartes culturais e materiais, o que se propunha era a construção de uma raça brasileira forte, branca e **católica**. Essas fundamentações eugênicas que pululavam nas décadas de 30 e 40 do século XX, foram assimiladas no processo de arregimentação dos trabalhadores pelo SEMTA – se não para rejeitar os propensos laboriosos, mas no discurso para rotulá-los – no qual se sucedia a

<sup>14</sup> LIMA, Alceu A. *Em face do comunismo*. A Ordem. Rio de Janeiro, p. 353. *Apud* RODRIGUES, Cândido Moreira. *A ordem – uma revista de intelectuais católicos (1934 – 1945)*. Belo Horizonte: Autêntica/ Fapesp.



inspeção médica como parte do sistema de seleção. O artista plástico suíço, Jean Pierre Chabloz, contratado como propagandista do SEMTA, registrou em seu diário pessoal o passo a passo dos desenhos criados acerca do biótipo racial do nordestino. Essa tarefa constituiu, conforme suas anotações, como parte da solicitação da equipe médica daquela instituição, com vistas a servir de referência visual no processo de recrutamento dos trabalhadores. O trabalho fora iniciado no dia 28 de janeiro de 1943 e o término só ocorreu em 03 de maio do mesmo ano<sup>15</sup>, cujas figuras e classificações tiveram como base as orientações fornecidas pelos médicos contratados pelo SEMTA, associadas à leitura de um livro concedido pelo médico José Rodrigues da Silva, pertencente à equipe médica da instituição, sobre a “Biotipologia do Homem do Nordeste”, conforme a seguir, alguns tipos traçados:

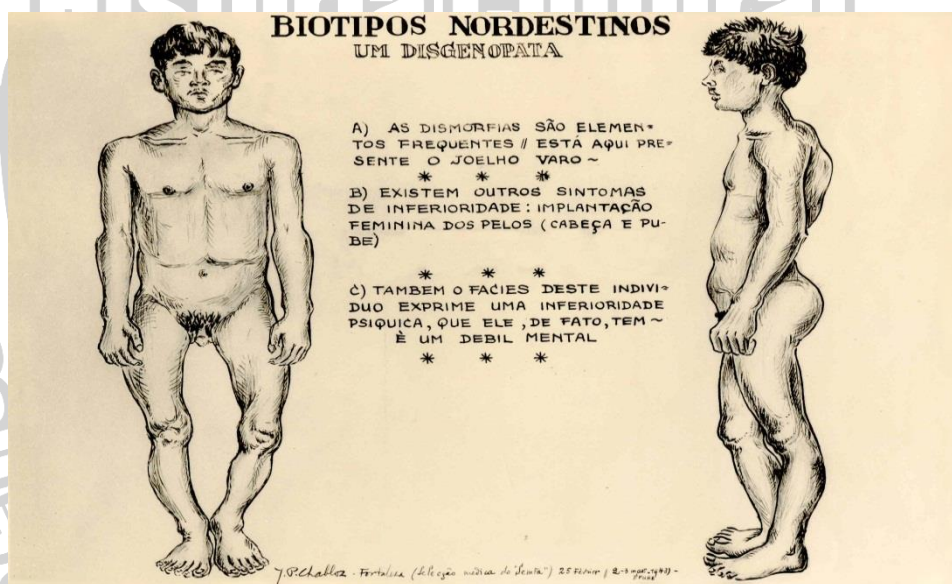
**Imagem 1 – Desenho: Biótipo Nordestino I**



**Fonte:** Museu de Arte da UFC (MAUC). Desenho Jean Pierre Chabloz, Fortaleza (CE), 1943.

<sup>15</sup> Museu de Arte da UFC (MAUC). *Diário Pessoal – Jean Pierre Chabloz*. Fortaleza, 1943.

**Imagem 2 – Desenho: Biótipo Nordestino III**



**Fonte:** Museu de Arte da UFC (MAUC). Desenho Jean Pierre Chabloz, Fortaleza (CE), 1943.

Observando os desenhos, percebe-se o trabalhador nordestino caracterizado com uma forte tendência de inferioridade racial, principalmente presente no biótipo designado como *um disgenopata* – imagem 2, quando em uma de suas descrições consta: “*Também o facies [sic!] deste indivíduo exprime uma inferioridade psíquica, que ele, de fato, tem ~ [sic!] é um débil mental*”. A referida descrição trata o nordestino como se tivesse compleição física inferior, assim como seria também rebaixado quanto à sua dimensão psíquica. Logo, percebe-se que houve uma classificação discriminatória do biótipo do nordestino, já que era considerado miscigenado com degeneração e impureza de raça, algo bem diferente do padrão idealizado pela Eugenia. No entanto, fora esta força de trabalho a recrutada para extrair látex no “El Dorado” da Amazônia – lembrando que após a extinção do SEMTA e instalação do CAETA, esses conceitos deixaram de ser observados na arregimentação, já que na prática com nenhum dos dois órgãos houve descarte de trabalhador, por não atender as especificações eugênicas.

Em meio à questão de ser dever do Estado proteger os direitos do trabalhador, é fato inquestionável que os dos soldados da borracha foram violados e esquecidos. Atualmente, 69 anos depois do término da Segunda Guerra Mundial, os sobreviventes da saga da borracha ainda lutam na justiça para reconhecimento de seus direitos trabalhistas e indenização por danos morais e materiais. Daí, o trabalho, em questão, era visto como condição preponderante para a realização humana, uma vez que não deveria ser visto

apenas como condição para a manutenção financeira, senão como responsável pela dignificação da vida, dignificação do homem – na verdade, sobremaneira, um meio de “servir à Pátria” – era a então ideologia fomentada naquele período e, de certo modo, desde então. E como forma de imprimir certo atrativo pela ocupação, ensaia-se uma aproximação entre trabalho e prazer, buscando afastar do real significado do verbete labor: fadiga, tormento<sup>16</sup>, propagando-se a ideia de um trabalhador satisfeito, feliz, íntegro, produtor e, portanto, verdadeiro colaborador e cidadão de sua Nação, homem de família; já que o trabalho feminino era visto como um flagelo social no período, ocasionador de muitos abortos, mortalidade infantil, divórcio, prostituição sexual – práticas censuradas pela medicina, pela moral, pela religião, pela higiene do corpo e da alma e pela polícia – e desagregador da família, social e moralmente. É fato que o intuito não era suprimir o trabalho feminino, afinal, tratava-se de uma força de trabalho lucrativa e barata, mas, reafirmar o discurso dos papéis sociais de homens e mulheres, e valorização da família.

Dessa forma, em um período de guerra – militar, no qual o Brasil coliga-se ao grupo dos Aliados; e religiosa, onde o clero “luta” contra a ameaça da invasão protestante, pois apesar de haver uma discussão em torno da refrega da Igreja por recatolicizar o país, discutido por alguns autores, na verdade, houve uma busca por manter a hegemonia da religião católica no país, uma vez que a separação da Igreja e do Estado, não pôs fim ao catolicismo no Brasil – nada mais pertinente do que a estruturação do recrutamento dos trabalhadores nos moldes então apregoados para a Nação: cidadãos, operários convertidos em soldados do trabalho, com foco na produtividade, estrategicamente militarizados física e psicologicamente. À vista disso, é relevante que se tenha o entendimento que soldado da borracha configurou-se como um elemento de identidade daqueles combatentes no *front* da floresta e não apenas figurativo, uma vez que assim foram chamados não apenas os nordestinos, em especial, oriundos do Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte e Maranhão, onde houve um castigo mais severo da seca; mas todo e qualquer trabalhador que fora recrutado para extrair látex nos seringais da Amazônia, naquele período de guerra.

Logo, o SEMTA incorporou os discursos sobre a importância da saúde do corpo e do espírito e tratou de estruturar o recrutamento dos trabalhadores nos moldes em que

---

<sup>16</sup> LENHARO, Alcir. *Op. Cit.* p, 87.

era preciso “soldado mais produtivo”, mais forte e saudável. Afinal, havia a estratégia da militarização psicológica, com vistas a converter toda uma classe de trabalhadores em soldados da Pátria<sup>17</sup>. Mas, que Pátria? Àquela que fora capaz de “*criar uma propaganda enganosa de recrutamento, confabular com autoridades locais, provocar um engajamento da Igreja Católica, deixar trabalhadores sem água ou comida depois de alistados*”<sup>18</sup>. Afinal, havia um jogo de interesses em questão, principalmente, o fornecimento de 35 mil toneladas anuais de borracha aos Estados Unidos. Era preciso honrar o compromisso e Vargas reforçava essa ideia que era um dever para com a Pátria alistar-se, inclusive com a célebre frase proclamada no dia 1º de maio de 1942: “*Soldados, afinal somos todos, a serviço do Brasil*”<sup>19</sup>, o que corrobora a exaltação do trabalhismo no período, no qual o homem se realiza pelo seu trabalho, artefato detentor do seu espírito, da sua vida. Aqui, opera-se uma complexa associação entre família, trabalho e nação.

A família, alvo das preocupações do Estado e da Igreja (aliados), era fundamental aos interesses daquele regime – mais uma vez, aqui, uma controvérsia do governo de Vargas, tendo em vista que a família fora segregada para a maioria dos recrutados, quando arregimentados pelo SEMTA, o que para Benchimol (1977), um homem que migra sem sua família, logo quer voltar para suas raízes, seu núcleo familiar e, ao mesmo tempo, o extrativismo da borracha não favorece sua fixação a terra; aliás, para o autor, “*seringa não rima com roça, nem tampouco com família*”<sup>20</sup> – pois concorria com a fonte, tutelada pelo Estado, da reprodução demográfica da nação, e porque seria o núcleo de uma formação (mediada pela Igreja) de jovens homens e mulheres que reproduziriam a ordem das coisas, mulheres donas do lar e homens para as forças armadas e o mercado de trabalho. Ambos disciplinados, moral e civicamente. Logo, é pertinente entender como se deu a política migratória e os mecanismos articulatórios empreendidos tanto pela Igreja, quanto pelo Estado no processo de aliciamento dos “soldados do látex”, “soldados de Cristo” para a guerra nos seringais amazonenses.

<sup>17</sup> IANNI, Octavio. Populismo y relaciones de clase. In: GERMANI, Gino; TELLA, Torcuato S. di; IANNI, Octavio. *Populismo y contradicciones de clase en Latinoamérica*. Avena: Série Popular Era, 1973, p. 83-150.

<sup>18</sup> Matéria de Edson Luiz e Renata Mariz. Disponível em: <http://www2.correiobraziliense.com.br/soldadosdaborracha/>. Acesso em 31 de agosto de 2014, às 17h24min.

<sup>19</sup> LENHARO, Alcir. *Op. Cit.*, p. 86.

<sup>20</sup> BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: um pouco – antes e além – depois*. Editora Umberto Calderaro: Manaus, 1997, pg.198.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Fontes

Desenho Jean Pierre Chabloz. Museu de Arte da UFC (MAUC), Fortaleza (CE).

Diário Pessoal – Jean Pierre Chabloz. Museu de Arte da UFC (MAUC), Fortaleza (CE).

Jornal O Nordeste. Instituto do Ceará.

Relatório apresentado por Padre Helder Câmara ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Sr. D. Aloísio Masella D. D. Núncio Apostólico - Arquivo Nacional (RJ) - Fundo Pessoal Paulo de Assis Ribeiro.

### Bibliografia

BENCHIMOL, Samuel. *Amazônia: um pouco – antes e além – depois*. Editora Umberto Calderaro: Manaus, 1997.

GOMES, Angela de Castro. *Ideologia e trabalho no Estado Novo*, p. 63. In: PANDOLFI, Dulce. *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Ed.Fundação Getúlio Vargas, 1999.

LENHARO, Alcir. *Sacralização da política*. São Paulo: Papyrus, 1986.

LIMA, Alceu A. *Em face do comunismo*. A Ordem. Rio de Janeiro, p. 353. *Apud* RODRIGUES, Cândido Moreira. *A ordem – uma revista de intelectuais católicos (1934 – 1945)*. Belo Horizonte: Autêntica/ Fapesp.

MANOEL, Ivan Aparecido. *Cidadãos para a terra e para o céu: o projeto educacional do catolicismo ultramontano (1850-1950)*. Fronteiras: Revista de História, Campo Grande, MS, V.7, n. 13, 2003.

REIS, Edilberto Cavalcante. *Coronéis de Batina: a atuação do clero na política municipal cearense (1920 – 1964)*. Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em História Social do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais UFRJ, 2008.